



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

METODOLOGIA PARA DIAGNÓSTICO E REPRESENTAÇÃO DO QUADRO SÓCIO-ESPACIAL EM ÁREAS URBANAS NUMA COOPERAÇÃO ENTRE BRASIL E CABO VERDE¹

Fernanda Padovesi Fonseca – Departamento de Geografia - FFLCH/USP

Jaime Tadeu Oliva – IEB – Instituto de Estudos Brasileiros - USP

**Iolanda Maria Alves Évora - Centro de Estudos sobre África e do
Desenvolvimento (ISEG-UTL) Portugal**

Eliane Kuvásney – UNIFIEO - Osasco

A ciência geográfica vive, há 30 anos, um processo de renovação que a conduza para o campo de uma autêntica ciência da sociedade. O espaço compreendido como uma dimensão do todo social é a marca principal da renovação da Geografia. Essa marca é fundamental, pois até então a Geografia tratava o espaço como externalidade concreta e natural, o que situava a disciplina numa condição que pode ser caracterizada como uma etnografia organicista (LÉVY, 2003, p. 399)². Trata-se de uma dramática virada, como assinalou Paul Claval (*apud* BORD, 1997a, p. 5)³. No Brasil, essa renovação terá (e tem) na figura do geógrafo Milton Santos, a partir dos anos 1980, uma forte referência. Essa discussão repercute positivamente no redirecionamento da Geografia para a escala local, a escala geográfica dos espaços internos das cidades, até então negligenciada em favorecimento aos fenômenos de escala regional. E permite uma abordagem de problemas relevantes tal como apresentamos a seguir.

Por uma teoria interna do fenômeno urbano

O processo de urbanização nas proporções em que se deu marcou a vida de boa parte das sociedades no século XX. Ele pode mesmo, ser conceituado como uma verdadeira *revolução sócio-geográfica* tal a profundidade das transformações nos modos de vida. Trata-se de uma reconstrução social cujo componente geográfico (a aglomeração de indivíduos, de atividades e de objetos diversos buscando a distância geográfica-zero) é um elemento chave. As espacialidades complexas que a partir daí se

¹ Este artigo resulta do Relatório Final do Processo nº 490732/2007-0 do Edital nº18, *Visita Exploratória (Metodologia para diagnóstico e representação do quadro sócio-espacial em áreas urbanas numa cooperação entre Brasil e Cabo Verde)*

² Jacques LÉVY et Michel LUSSAULT. *Dictionnaire de la Géographie et de l' espace des sociétés*. Belin : Paris, 2003.

³ Jean-Paul BORD. Géographie et sémiologie graphique : deux regards différents sur l'espace. In: Colloque 30 ans de sémiologie graphique, novembro de 1997. Disponível em: <http://193.55.107.45/semiogra/bord/bord.htm>



constroem contam significativamente nas avaliações qualitativas do mundo urbano, isso considerando a vida urbana em sua integralidade. Por isso, o que urge é a construção de teorias críticas que brotem da própria análise do fenômeno urbano, visto que ele já é em si, síntese maior da complexidade social e econômica. Com esse entendimento adotamos uma postura teórica que pode ser enunciada como a *teoria da urbanidade*, que mergulha na lógica complexa das espacialidades internas do mundo urbano, visto como portador de uma lógica universal, pois meio superior do *viver junto*, da condição social.

Teoria da urbanidade aplicada a um estudo comparativo

É desse ponto de partida que experimentamos uma construção metodológica de diagnóstico e representação do quadro sócio-espacial da cidade da Praia, capital da República de Cabo Verde.

Cabo Verde é um pequeno país insular, que para suas proporções vive atualmente um vigoroso processo de urbanização. O caso principal é o da capital, cidade da Praia que exerce no país uma função metropolitana e que vive nesse momento uma importante reestruturação: crescimento veloz (população em 1990: 71.287,2 e em 2.000: 106.053,3); novo dinamismo econômico; novos segmentos comerciais e de serviços; novos empreendimentos e bairros para moradores de renda mais elevada. Tudo, segundo nossa metodologia de observação, com *baixa urbanidade*, e com pequena eficácia na inclusão da maioria da população. Esse modelo de reestruturação se dá como se fosse natural e inevitável.

A referência teórica que orientou a observação na cidade da Praia é enunciada como a *teoria da urbanidade* (LÉVY, 1999, pgs.191-268)⁴. Nessa, aborda-se a cidade (e o fenômeno urbano de um modo geral) a partir do entendimento que a condição fundamental das configurações urbanas está no núcleo da própria aglomeração que aproxima (densifica) indivíduos e grupos sociais, assim como múltiplas atividades e objetos, com um máximo possível de diversidade. Em resumo: o par densidade e diversidade expressa o sentido da cidade em termos teóricos.

No entanto, as cidades podem realizar mal em termos espaciais e sociais essa sua vocação de criar densidade com diversidade e, ao contrário, dar vazão a tendências segregacionistas e fragmentárias em termos funcionais e sociais. As possibilidades são

⁴ Jacques LÉVY. *Le tournant géographique – penser l'espace pour lire le monde*. Belin: Paris, 1999.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

várias e isso implica em condições diferenciadas de urbanidade entre cidades e entre as partes de uma única cidade. As condições para a urbanidade são em boa medida espaciais e são detectáveis, logo mensuráveis.

De modo mais direto e objetivo: os elementos constituintes da urbanidade área urbana são espaciais e sociais. De sua objetividade depende a possibilidade de se chegar a índices pertinentes de mensuração. Uma mensuração mais efetiva depende da construção minuciosa de metodologia que envolve teoria e formação de banco de dados, assim como produção cartográfica apropriada.

São elementos da urbanidade: 1. Densidade residencial e de atividades, 2. Organização espacial compacta, 3. Acessibilidade entre todos os lugares, 4. Mistura de moradia/outras atividades, 5. Densidade informacional, 6. Presença e qualidades de espaços públicos, 7. Importância da marcha pedestre, 8. Diversidade sociológica, 9. Urbanidade em todos os pontos (para além da zona central), 10. Auto-valorização dos lugares urbanos e da imagem da cidade; 11. Governo na verdadeira escala do urbano.

A partir de seus elementos básicos um segmento da cidade pode ser diagnosticado como possuidor de uma urbanidade potencial, *a priori* de um determinado grau, no entanto, é preciso ter-se uma visão da urbanidade *a posteriori*. Logo, seus elementos, as formas de levantar a urbanidade *a priori* e *a posteriori* (o que se resumirá em índices de urbanidade) se constituem os referenciais para a aplicação, por exemplo, do geoprocessamento, para a construção cartográfica e para a análise e conclusões sobre os resultados.

A cidade da Praia, em Cabo Verde

O caso da Praia desperta interesse visto o grande dinamismo do processo de reestruturação urbana, que não se deixa revelar integralmente num primeiro olhar (quais as fontes de financiamento num país pequeno, insular, sem indústria, com uma agricultura razoável, mas quase que de subsistência, onde se apregoa um potencial turístico cuja exploração não é tão visível?), mas que já torna explícito seu caráter excludente.

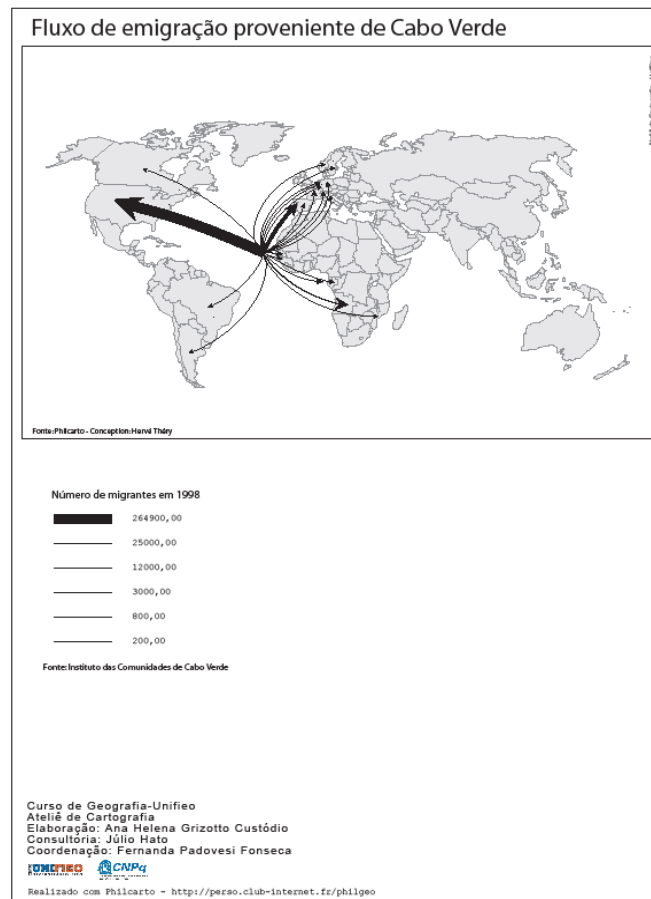
Cabo Verde é um pequeno país cujo território é insular. São dez ilhas que representam 4033 km². Nelas estão abrigados 431.989 habitantes. O arquipélago situa-se ao largo da costa oeste africana, logo seu território não tem fronteiras com outros países do continente. Sua população não se formou e nem é vista a partir do ingrediente



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

étnico. E um fato mais relevante: há uma comunidade cabo-verdiana no exterior de cerca de 500 mil habitantes (*vide mapa 1*), portanto maior que a população local.

As relações dessa população externa com o país são fortes, inclusive do ponto de vista financeiro, o que explica, em certa medida, a modernização atual do país. Isso faz do tema da “diáspora cabo-verdiana” uma questão de grande relevância, pois é comum sustentar-se a afirmação de que Cabo Verde “existe porque persiste a emigração” (Saint-Maurice, 1997:47). A própria idéia de nação é supra-territorial, pois articula não somente uma população insular propriamente dita, como também uma população significativa dispersa em outros países.



Assim, quando se fala de Cabo Verde, a referência é um Estado-nação cuja formação e legitimação se apóiam na idéia de uma nação que existe e é simbolicamente experimentada além-fronteiras e encontra a sua definição com a participação dos emigrantes. O subentendido é que esses contribuam para que a idéia de nação cabo-verdiana se consolide e seja protegida dentro e fora do país. O subentendido é que essa contribuição seja, também, financeira.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Quando Cabo Verde se tornou independente em 1975 a emigração já fazia parte da história do país há pelo menos um século e as principais comunidades cabo-verdianas no exterior se encontravam instaladas em países como Estados Unidos, Portugal, França, Holanda, Angola, Países Baixos e Itália. A história do país confunde-se com a história da sua emigração/imigração e grande parte das ações políticas orientadas para o projeto de autonomia e independência ocorreram na diáspora, por iniciativa de cabo-verdianos emigrantes⁵ ou estudantes na metrópole (Saint-Maurice, 1997:47). De igual modo, após a independência, o governo e o partido no poder encontram resistências quando as suas decisões não coincidem com as aspirações dos emigrantes. Nestes casos, as reações vêm tanto do exterior como dos que, no arquipélago, representam os interesses dos emigrantes. Estes constituem o principal contingente populacional do país e, ao enviarem a ajuda financeira aos seus familiares, contribuem significativamente para o equilíbrio econômico num país assolado por secas cíclicas⁶. Logo, não há discussão de Cabo Verde atual e nem da reestruturação urbana da cidade da Praia que possa desconhecer essa realidade nacional e geográfica da nação que transcende seu território.

A “rede nacional” (locais e emigrados) possui uma dimensão econômica relevante que paira nesse momento como uma das forças da modernização do país e da reestruturação urbana da cidade da Praia. Porém, isso não basta para explicar certa pujança econômica, sem a qual os processos notados nas realidades urbanas do país não seriam possíveis. Atualmente, a grande novidade são os investimentos de capitais estrangeiros no turismo e na construção civil. A ilha do Sal, uma das poucas ilhas planas, é um foco importante de investimentos em hotelaria de *resorts* e sua clientela é formada por europeus. Inclusive uma das empresas que está atuando na reestruturação urbana (*Tecnisa*) da cidade da Praia possui vários investimentos na ilha do Sal.

Além dos projetos turísticos associados ao binômio Sol/Praia que já estão em andamento, o país possui outros sítios turísticos atraentes passíveis de investimentos novos. São ilhas vulcânicas bem recentes (não ultrapassam os 250 milhões de anos)

⁵ O fato de Cabo Verde ser formado por pequenas ilhas somado às condições de seca dificultou o processo de mobilização política da população e a realização da luta armada em solo nacional. As matas da Guiné-Bissau se mostraram mais propícias como palco para o embate contra as tropas do governo colonial português levada a cabo pelo PAIGC, Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde.

⁶ Estiagens, secas e fomes são traços indissociáveis da vida insular e sua ocorrência tem sido registrada desde 1580, com diferentes períodos de crise nos séculos seguintes e interrupção do registro de mortes apenas a partir de 1970.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

produtos geológicos de uma área de divergências das placas tectônicas, logo uma área muito propensa a efusão de magma. Algumas das ilhas são intensamente montanhosas de paisagem que impressiona. As estruturas turísticas estão melhorando e aí se encontra uma possibilidade econômica que surge das novas condições geográficas do mundo.

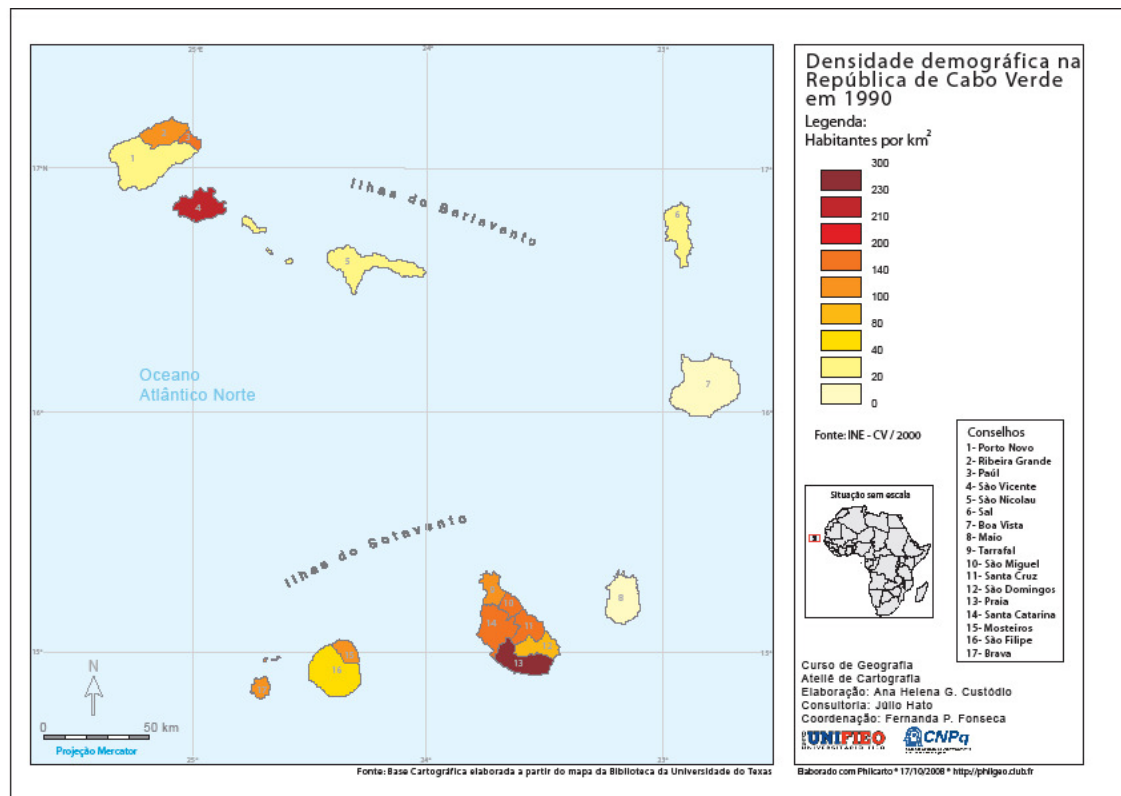
O que a face econômica do país deixa perceber é a reestruturação urbana da cidade da Praia. Ali é notória a ascensão de uma classe média com acesso a linhas de crédito e um consumo de bens caros importados, o que a frota automobilística expressa de maneira surpreendente.

O perfil do país está se alterando, embora seja discutível se os caminhos adotados vão construir uma sociedade integrada. Mas é preciso notar que já no presente os índices sociais são “anti-africanos”, como demonstra a expectativa de vida que é de 71 anos, aliás, idêntica à do Brasil, assim como seu IDH, que é de 0,736.

A reestruturação urbana da Praia

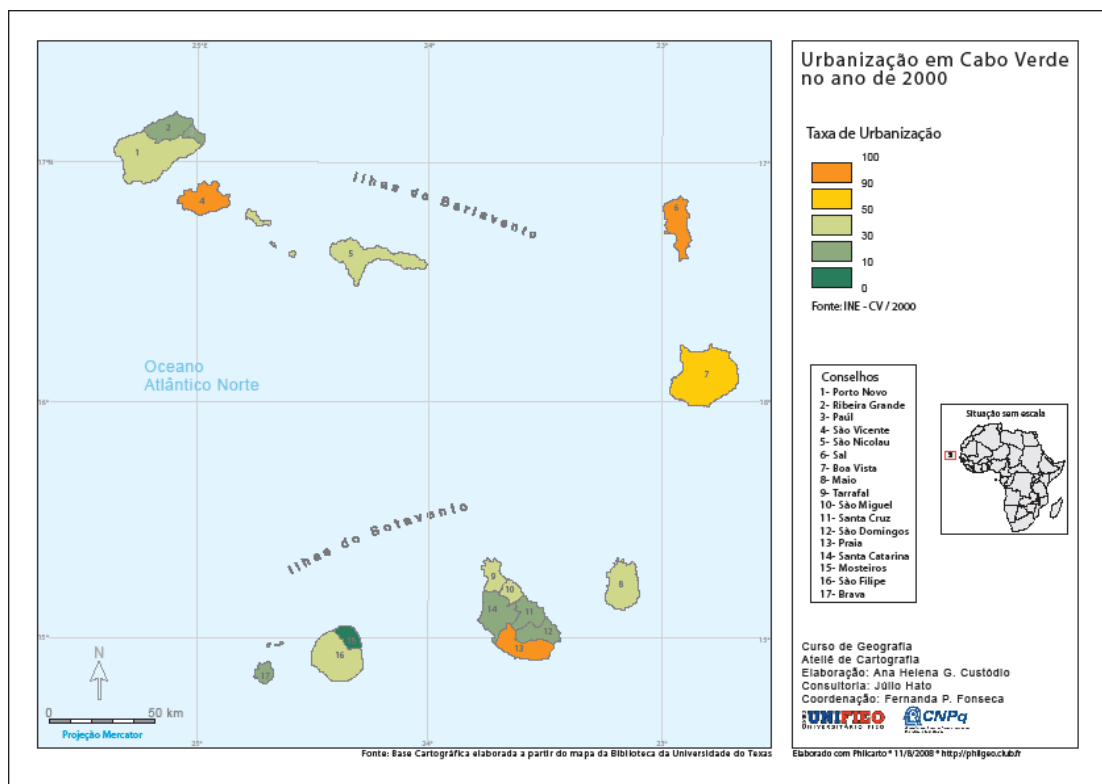
Observando a distribuição da população cabo-verdiana no arquipélago chamam a atenção os dois pontos de maior densidade demográfica.

O primeiro, ao norte do mapa, fica na Ilha de São Vicente. O outro ponto encontra-se no sul da Ilha de Santiago, a mais povoada do país.





Numa demonstração que grandes densidades geram cidades os dois pontos de grande densidade são de taxa de urbanização mais elevada e onde se encontram as duas maiores cidades do país. Ao norte, a cidade de Mindelo na ilha de São Vicente (a segunda maior e mais importante cidade do país) e ao sul a cidade da Praia, na ilha de Santiago (capital de Cabo Verde).



A cidade da Praia é o grande centro urbano do país, como indica o mapa sobre o número de domicílios por conselho. Considerando que sua a população atual é de cerca de 100 mil habitantes⁷ estamos diante de um caso de *primazia urbana moderada*. Essa situação é algo que se dá quando um único centro urbano representa sózinho cerca da metade da população urbana de um país. Fosse um território contíguo, é muito provável que observaríamos uma primazia urbana clássica.

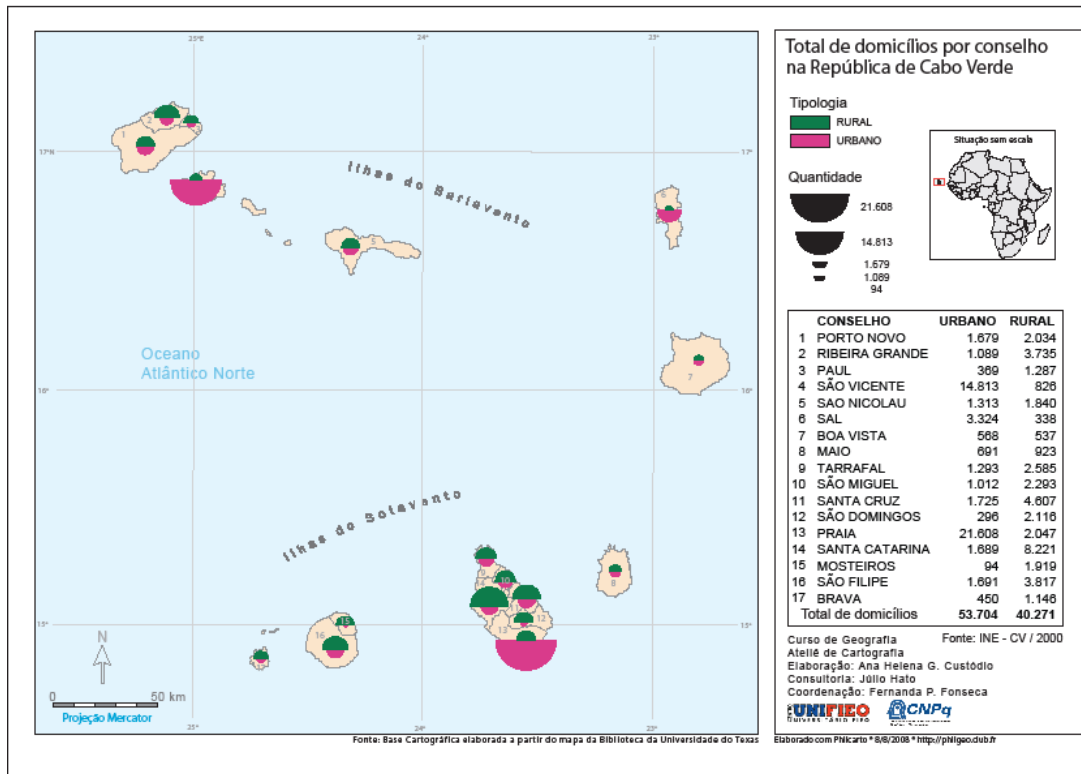
⁷ Número suscetível de discussão quanto a critério de delimitação do que é urbano e o que não é. O entorno do que não é contabilizado como pertencente à Praia, é próximo e inteiramente articulado ao seu centro visto o incrível sistema de transporte de peruas (vans) que circula na ilha inteira e nos arredores do núcleo principal da Praia.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

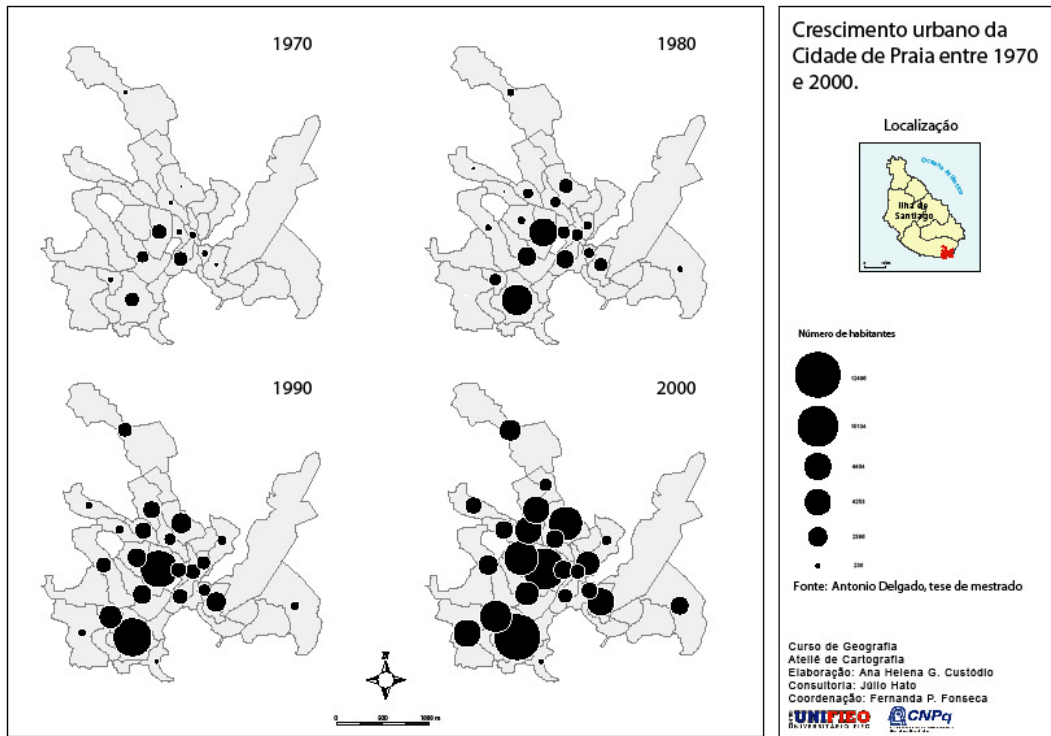
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina



Nos últimos 30 anos a cidade, para as proporções territoriais e demográficas do país, vem vivendo um intenso processo de crescimento apreendido desse modo pelas estatísticas:

Evolução populacional da cidade da Praia	
<i>Ano</i>	<i>População</i>
1970	23082
1980	38564
1990	71287
2000	106053

No mapa a seguir há um crescimento nos bairros tradicionais que estão se tornando mais adensados, porém o que mais chama a atenção são as novas áreas que em 1970 mal possuíam núcleos populacionais, e que no ano 2000 apareceram como as mais povoadas. Nessa expansão demográfica da cidade que se identifica uma nova geografia que dá base para o que foi identificado como a reestruturação urbana da cidade da Praia.



No próximo mapa (uma representação ordenada) essa nova distribuição populacional e o peso significativo de bairros novos que em 1970 não passavam de terra nua, e que em 30 anos se transformaram no núcleo do modelo de modernização caboverdiana vão ser revelados.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

a reestruturação urbana, tal como atesta a publicidade que anuncia um futuro novo para a região do *Plateau*.



Saindo do *Plateau*, que como o nome diz é uma pequena chapada, abaixo do lado contrário do oceano organiza-se uma zona e um bairro tradicional da cidade que está entre os mais povoados e populares. O bairro é conhecido como *Achadinha de Baixo* e ali se situa um grande mercado tradicional cujo nome remete às ligações de Cabo Verde com o Brasil: *Sucupira*.

À exceção do mercado tradicional não estranharíamos, aqui no Brasil, as características geográficas e sociais desse bairro: uma dominante residencial, com residências construídas em geral pelos próprios moradores (auto-construção), uma miríade de atividades comerciais informais (tradicional que se espalham nas cercanias do Sucupira, muita vida nas ruas, integração intensa entre as vizinhanças. Mas, é notório que avança o perfil associado à pobreza, visto que de 1970 para nossos dias as famílias que progrediram não estão investindo no bairro, na qualidade de suas habitações, no vigor do comércio, ao contrário, progredir é sair dali e ir para os bairros novos. O bairro está ficando homogêneo em termos sociais e parece sofrer com a falta de novos investimentos e de ações do poder público. As condições de urbanidade também estão se desfazendo na precariedade material e na perda de vigor social, de uma área que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

tende a concentrar problemas sociais. Há periferias mais precárias, sem dúvida, mas nesse caso trata-se de um bairro central que está sendo “periferizado”, algo que ilustra bem a ausência de políticas urbanas integradoras, e a presença do fantasma da fragmentação e da segregação geográfica.

Seguindo um modelo conhecido e muito comum no Brasil, a ascensão social de alguns segmentos da população urbana implica numa desagregação das cidades e numa organização quase natural de bairros segregados, vedados e protegidos em relação àqueles que não ascenderam e vão permanecer na “cidade precária.” A cidade da Praia vive esse processo, pois as novas áreas para segmentos afluentes estão em pleno processo de construção. Há quase que uma nova cidade da Praia sendo feita.

Esse é o fenômeno que mais impressiona e ele está exemplificado nos bairros: *Palmarejo de Baixo, Palmarejo de Cima e a Cidadela* (em cujo interior se construirá o *Palmarejo Grande*). Trata-se de uma auto-exclusão de uma classe média emergente, por vezes emigrantes, que constroem na Praia visando um retorno em breve ao país. Uma exclusão que a princípio parece inocente, pois parte dela é financiada pelo estado na estruturação de bairros novos super-especializados (exclusivamente residencial, para um segmento de altos funcionários do estado e de algumas empresas privadas, entre elas a incorporadora imobiliária – TECNICIL – Sociedade Imobiliária e Construções S.A.), espaçosos, cuja circulação já é integralmente baseada no uso do automóvel particular, sem espaços públicos, tudo claramente segregador.

O *Palmarejo de Baixo* fica à beira-mar. Impressiona, pois nele há uma verticalização moderna, com edifícios que lembram os condomínios fechados de São Paulo, do Rio de Janeiro e de outras grandes cidades brasileiras. Além da verticalização uma quantidade enorme de casas bem grandes estão sendo construídas. A perplexidade vem do fato que não se vê na geografia da cidade uma economia concreta que justifique esse dinamismo construtivo. Os materiais de construção empregados nas edificações dessa área (os imóveis ali não possuem mais de 10 anos e há muitos em construção) são de excelente qualidade e o país não os produz. São todos importados. O que, em tese, não somente encarece as obras, como não faz da construção um fator de multiplicação econômica.

As características atuais desse bairro, ainda por terminar são de baixa urbanidade, marcada pela evidente homogeneização social, pela ausência de espaços



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

públicos, de transportes coletivos, e pela solidão de suas ruas, apenas percorridas por automóveis grandes, caros e novos.

O *Palmarejo de Cima* fica na vertente (a ilha é montanhosa, e o sítio urbano da Praia é uma combinação de pequenas faixas litorâneas, com pequenas achadas – áreas planas, o *Plateau* e zonas de morros suaves onde estão surgindo esses bairros novos) do morro que continua imediatamente acima do *Palmarejo de Baixo*. Sua formação é dos anos 1980 e já é um bairro mais completo, com um miolo verticalizado e com um comércio, para os padrões da cidade e do país, elitizado e especializado. Já mais bem povoado é marcado por conjunto de casas grandes e boa qualidade. As estruturas de bairro segregado e de baixa urbanidade ali estão: uso quase que exclusivamente residencial, ausência de mistura social e de atividades públicas, um desfile de automóveis, pouco vida nas ruas etc.

O bairro do *Palmarejo Grande* está no início. Como o nome diz, ele será realmente muito grande. Combinará verticalização de vários padrões, com casas também de tamanhos diversos, mas sempre de bom padrão, até padrões mais luxuosos. Para viabilizá-lo uma espécie de anel viário está sendo construído ao seu redor para que o acesso por automóvel se dê com rapidez sem precisar utilizar a estrada da ilha que sai da cidade da Praia para o interior. Para que se tenha a idéia do que se pretende eis a publicidade que está sendo veiculada.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Palmarejo Grande

- Área - 54 ha
- População - 12.000
- Nº de fogos - 2.873
- 300 lotes para moradias
- 552 fracções para comércio e serviços

IFH
Imobiliária, Fundiária e Habitat

Achada Santo António - Praia - Santiago - C. P. 267
Tel. 262 64 30/32 Fax 262 28 53
Delegação S. Vicente: Rua Fernando Ferreira Fortes, C. P. 298
Tel/Fax 231 44 77
Email: ifh@cvtelcom.cv www.ifh.cv

Trata-se de um bairro previsto para 12.000 pessoas, algo que corresponde a 10% da população atual da Praia. Um bairro planejado de grande porte que acoplado com seus dois “irmãos” que estão mais abaixo do relevo formariam a moderna cidade da Praia, completamente apartada do restante. De onde virão essas 12 mil pessoas é algo que implica acompanhamento, mas se permanecerem as tendências anti-urbanidade continuará o processo de exclusão por renda em dois sentidos: os que têm sua renda aumentada saem (se auto-excluem) dos bairros populares (e isso de todas as cidades de Cabo Verde, pois a imigração de Mindelo e de outras “capitais” de ilha para a Praia é notória) e vão para a Cidadela (nome sintomático) e também alguns emigrantes retornados estão fazendo esse “percurso elegante”. O Palmarejo Grande não possui diversidade suficiente para abrigar pessoas de renda média baixa.

Enquanto isso, os pequenos atores sociais desprovidos dos mesmos vínculos econômicos e de influência vão construindo uma outra expansão periférica, sem infraestrutura e articulada ao centro da cidade por uma rede de transporte popular e fora da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

esfera da iniciativa do estado. Nesse filme já conhecido constrói-se uma nova pobreza que soma o econômico à vida em espaços desarticulados, segregados e sem políticas de introdução de recursos urbanos (sem urbanidade). Se o processo é semelhante ao que ocorre nas cidades brasileiras, as dimensões e os ritmos em que ele ocorre na cidade da Praia, dá a ele uma condição didática muito elucidativa para enxergarmos através dele nossas realidades.

Bibliografia

BORD, Jean-Paul. Géographie et sémiologie graphique: deux regards différents sur l'espace. In: Colloque 30 ans de semiologie graphique, novembro de 1997. Disponível em: <http://193.55.107.45/semiogra/bord/bord.htm>

FONSECA, Fernanda Padovesi. *A inflexibilidade do espaço cartográfico, uma questão para a Geografia: análise das discussões sobre o papel da Cartografia*. São Paulo, Tese (Doutorado em Geografia), FFLCH/USP, 2004.

LÉVY, Jacques ; LUSSAULT, Michel. *Dictionnaire de la Géographie et de l' espace des sociétés*. Belin: Paris, 2003.

LÉVY, Jacques. *Le tournant géographique – penser l'espace pour lire le monde*. Belin: Paris, 1999.

MARGARIDO, A. “Pour une histoire des géopolitiques culturelles des îles du Cap Vert”, Lusotopie- Géopolitiques des mondes lusophones, nº1-2, 1994: 103-112.

OLIVA, Jaime Tadeu. *A cidade sob quatro rodas; o automóvel particular como elemento constitutivo e constituidor da cidade de São Paulo: espaço geográfico como componente social*. Tese de Doutorado da FFLCH/USP, 2004.

SAINT-MAURICE, A. *Identidades reconstruídas - cabo-verdianos em Portugal*. Oeiras, Celta, 1997.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SUI, D. Z.. GIS based urban modeling practices, problems and prospects. *International Journal of Geoscience Information*, 12(7):651-671, 1998.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina